

A falta das côres na estampa tambem lhe faz perder muito do original. As côres predominantes são as seguintes: a farda é azul ferrete com as dragonas e enfeites amarellas; o manto e o interior da corôa, encarnados; o reposteiro é verde muito claro com franja amarella; d'esta mesma côr é o circulo da orla onde está escrita a legenda, com letras pretas, de typo bastante mais reduzido que o da estampa.

O circulo serrilhado que se vê na orla, não existe no original. Neste, esse circulo é liso e formado pela dobra do zinco que segura o vidro. Ha no Museu Ethnologico Português uma bella collecção de medalhas d'este typo, ha pouco offerecidas pelo Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, Professor jubilado da Escola Medica do Porto, e numismata distincto, autor do magnifico catalogo da collecção «Carmo».

*

Fica assim concluido este pequeno estudo acêrca das medalhas de D. Miguel que existem na collecção organizada por meu Pae. Não é trabalho completo. A tanto não podiamos aspirar. O nosso intuito foi apenas tornar publicos alguns breves apontamentos, na persuacão de que, sendo tão escassos os subsidios que existem para o estudo da medalhistica, pudessem vir a ter alguma utilidade para o futuro. Se tal succeder daremos por bem empregado o penoso trabalho que tivemos.

O leitor desculpará, com benevolencia, alguma falta, mais ou menos grave, que decerto encontrou.

Junqueira, Janeiro de 1906.

ARTHUR LAMAS.

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

Castro de Chibannes

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, x, 185)

Das camadas de calcareo terciario, que cobriram todo o terreno que formava a Arrabida, na epoca do seu levantamento, ficou, como resto deixado pelas erosões feitas na sua primitiva cobertura, uma serie de serros, que, partindo do morro em que estão edificados o castello e villa de Palmella, segue para SO. d'esta villa com os nomes de serras do Louro, Torres, S. Francisco, S. Simão, Coina, etc., e vae terminar na foz, proximo do Cabo Espichel.

A crista d'esta cordilheira, constituída pela linha que serviu de limite, pelo lado do norte, á destruição que soffreram as camadas de

calcareo miocénico que cobriu toda a Arrabida, divide o terreno em duas vertentes, de diversa natureza e aspecto.

A vertente do lado do sul é formada, na sua parte mais alta, por uma escarpa de calcareo, talhada quasi a prumo, e que dá para a encosta de um profundo mas deleitoso valle, que, cavado pelas erosões no antigo massiço da Arrabida, corre parallelamente á cordilheira com os nomes de Açudes, Barris, Alcube, Picheleiro, Calhariz, etc.

A vertente do lado septentrional é menos asperamente inclinada, e dá para o amplo valle do Tejo, que se estende entre a Arrabida ao sul e a serra que ao norte se dirige de Cintra para o Montejunto e d'aqui continúa para as serras de Aire e Estrella.

Por isso o panorama que se disfruta para o lado boreal da crista da cordilheira, que de Palmella se dirige por Azeitão ao Cabo Espichel, é surprehendente de belleza, tanto pela sua vasta extensão, como pela graça e variedade dos seus accidentes.

A longa fita azulada do Tejo, tocando em dezenas de povoações, que a marginam de um e outro lado, entre as quaes avulta a immensa casaria de Lisboa; o limite do horizonte projectando-se no ceu pelos pittorescos recortes das serras de Cintra e Montejunto, e ao longe, a perderem-se numa nublada distancia, as serras de Aire, Dornes, Melriça, etc.: formam um dos quadros mais maravilhosos que a natureza nos póde offerar.

Pelas encostas septentrionaes de todas as serras que constituem a cordilheira acima referida, sobresaem por entre a verdura do arvoredo as alvas paredes de centenaes de casaes e de pequenas povoações, que dão um tom gracioso ao primeiro plano de tão soberbo panorama.

Era em cumiadas assim dispostas, desassombradas de alturas que mascarassem o horizonte, e defendidas por obstaculos contra as surpresas dos inimigos, que o homem primitivo poderia, em doce tranquillidade de espirito, criar as industrias mais necessarias á vida, e ao mesmo tempo fantasiar as primeiras concepções do mundo, bem como a religião, a moral, a poesia e a arte.

Quem, partindo de Palmella, quizer percorrer a cumiada da cordilheira, a que nos temos referido, póde seguir uma antiga estrada concelhia, que, dirigindo-se pela dita cumiada, serve actualmente os moinhos situados na serra do Louro.

Tendo seguido esta estrada a uns 1:600 metros a SO. do chafariz de Palmella, no sitio denominado alto de Chibannes, encontrei uma pequena mesa ou chã em fórma de segmento de circulo, com a corda de proximamente 300 metros, onde vi disseminados pelo solo muitos

restos da industria humana primitiva, taes como martellos de pedra, facas, pontas de flecha e raspadeiras de silex, machados e outros instrumentos de pedra polida e ainda innumerous fragmentos de louça, tendo alguns d'elles gravuras em que predominam as figuras angulares e em zig-zag, da mesma maneira que nos restos de ceramica prehistorica achados na Rotura.

Alem d'estes objectos, alguns dos quaes denunciam claramente que houve neste logar uma estação onde se usavam objectos fabricados conforme a arte neolithica, tambem encontrei, depois de algumas excavações pouco profundas, um fragmento de fibula de bronze (fig. 264.^a), tendo as duas helices, que deviam envolver a cabeça do alfinete, uma fôrma semelhante á que se tem attribuido a epoca de La Tène¹, bem como muitos fragmentos de grandes amphoras e pedaços de louça saguntina (*terra sigillata*), lustrada e pintada uma de preto outra de vermelho, um fragmento de vaso de bronze muito bem polido, contas de vidro azul, etc.

Se á primeira vista o conjunto de circumstancias, que acabamos de apontar, nos suggere a ideia de que esta chã fosse o assento de um antigo recinto fortificado, esta ideia é confirmada por um exame mais attento do solo da dita planura e suas vizinhanças.

Na verdade, pelo lado do sul, e correspondente á corda do segmento circular, que fôrma a planta da mesa no alto de Chibannes, é esta defendida por uma escarpa, que constitue uma muralha natural completamente inacessivel, e cuja crista dá, a grande altura, para o valle dos Barris.

Pelo mesmo lado, uma fenda, que naturalmente se abriu na rocha parallelamente a esta crista, constitue uma especie de fosso, cuja contra-escarpa é formada pelas rochas que se destacaram da escarpa e que servem á fortaleza como de barbacã.

Pelo lado do norte, o terreno tem a configuração de uma encosta ou ladeira aspera, e nella, seguindo o arco do segmento da chã, se vê um comoro formado artificialmente de terra e pedras. Creio que este comoro é o resto de um antigo muro, que, ao mesmo tempo que servia de supporte a um aterro que amplificava a mesa, era destinado á principal defesa da pequena planura pelo lado do norte.

Exteriormente a esta linha de defesa, para o lado septentrional, ainda se succedem outros pequenos degraus ou socalcos tambem supportados por muros, de que restam alguns vestigios, que o tempo tem

¹ Vid. *O Arch. Port.*, v, 337, e viii, 163, artigos do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos referentes ás fibulas existentes nos museus de Bragança e Beja.

quasi nivelado com o solo. Parece-me serem restos de muros auxiliares da defesa principal, cujos vestígios se vêem no comoro acima referido.

Fóra do recinto d'esta antiga fortaleza, nas encostas que ficam tanto ao norte do alto de Chibannes como ao sul do mesmo alto e da escarpa que dá para o valle dos Barris, tenho encontrado innumerous fragmentos de objectos com os mesmos caracteres dos achados dentro do recinto.

Apesar de todos os exemplares archeologicos encontrados em Chibannes se acharem confundidos na camada superficial do terreno, que apenas sondei nalgumas partes, creio não se poder harmonizar chronologicamente a fabricação de machados e outros instrumentos de pedra, de que achei innumerous fragmentos, com o uso da louça chamada saguntina.

Com effeito, por mais dilatado que se supponha o periodo em que se fabricavam machados de pedra, é certo que a tradição do seu uso e fabrico já se tinha extinguido na parte da Europa que estava em relações com a Grecia no sec. II antes de Christo, pois que Sotaco, um dos primeiros historiadores gregos, que viveu neste seculo ou antes, attribuia-lhes origens sobrenaturaes e virtudes magicas. Esta opinião, reproduzida ulteriormente por Plinio e outros historiadores romanos, mostra que nem Sotaco nem os historiadores romanos que lhe succederam conheceram ao menos pela tradição a proveniencia industrial de taes instrumentos¹. Se pois quaesquer machados de pedra autenticos se devem tomar como prehistoricos, a sua abundancia no mesmo logar parece indicar proveniencia neolithica, isto é de uma epoca em que se fazia largo uso d'elles.

Sendo tambem certo que a louça conhecida com o nome de saguntina não saiu da antiga cidade etrusca de Aretium (hoje Arrezo, na Toscana), seu centro de origem, senão no sec. II antes de Christo, e que só depois é que se fundaram novas fabricas, entre as quaes as de Samos e Sagunto², que espalharam os productos da mesma louça

¹ Suetonio, historiador romano que escreveu no sec. II da era christã, referindo-se a um prodigio que foi tomado como sinal da ascensão de Galba ao throno imperial, acrescenta: «pouco depois um raio caiu num lago da Cantabria e ali se encontraram doze machados, presagio certo do imperio». Vê-se pois que o historiador Suetonio suppunha, como ainda hoje o nosso povo, que os machados de pedra provinham dos raios (Cf. *Les âges de la pierre*, par John Evans, p. 66, e *Religiões da Lusitania*, pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos, 1, 404, nota).

² Cf. *Restos de uma villa lusitano-romana*, pelo Sr. José Fortes, p. 35.

pela Europa, vemos que os vestígios da cerâmica saguntina achados no alto de Chibannes, apesar de não se encontrarem associados no mesmo local ás tegulas e outros restos de industria genuinamente romana, só podem provir de vasos usados neste logar depois do sec. II antes de Christo, e portanto no tempo em que toda a Hispania já estava sob o dominio dos romanos.

Parece-me pois que esta estação, tendo origem na epoca neolithica, perdurou alem d'esta epoca até o tempo do dominio romano.

Julgo tambem que numa exploração methodica da planura de Chibannes se deverão apresentar provas que mais confirmem o que acabo de dizer, e que nella, a julgar pelos muitos objectos que se me depa- raram proximo da superficie da terra, se devem exhumar preciosos elementos, que nos elucidem sobre o modo de viver dos povos que habitaram este logar.

Por ora limitar-me-hei a dar noticia dos objectos que se podem attribuir á idade neolithica¹, e que encontrei a pouca profundidade ou mesmo á superficie do solo.

A) INSTRUMENTOS DE PEDRA LASCADA E RETOCADA:

a) Pontas de flecha. Algumas d'estas pontas (figs. 192.^a a 203.^a) são de silex, outras (figs. 204.^a e 205.^a) são de schisto vermelho escuro, e a representada na fig. 206.^a é de schisto cinzento.

Todas estas peças são retocadas com muita perfeição e tem o lado inferior em fórma de curva reintrante.

Algumas pontas de silex apresentam-se avermelhadas pela acção do fogo (figs. 193.^a e 201.^a).

b) Facas de silex. Estas facas tem geralmente a folha direita, algumas porém são encurvadas proximo das pontas (figs. 208.^a, 210.^a e 211.^a).

c) Raspadeiras. Eram provavelmente destinadas a descarnar as pelles dos animaes.

A maior que encontrei (fig. 215.^a) é de silex e está muito bem retocada.

¹ Sobre alguns d'estes objectos, designadamente os productos ceramicos, tenho bastante duvida se foram fabricados na epoca da pedra polida, se na eometallica ou ainda posteriormente; pois que, apesar de terem caracteres da arte neolithica, poderiam continuar a fabricar-se em epocas posteriores. Na duvida descrevo-os ao tratar da epoca neolithica, podendo comtudo ser d'esta epoca apenas a origem da arte de os fabricar e não a propria fabricação dos objectos.

B) INSTRUMENTOS DE PEDRA POLIDA:

a) Machados. Encontrei alguns machados de pedra polida inteiros (figs. 216.^a a 221.^a) e muitos fragmentos de outros. Todos estes instrumentos são do typo commum. A sua abundancia nesta estação é notavel e concorre para se poder conjecturar a sua origem neolithica.

b) Pedra de amolar. É de grés, tendo a superficie superior em fórma de curva reintrante e polida pelo attrito. Servia provavelmente para amolar machados e outros instrumentos de pedra.

c) Fragmento de clava. Este objecto (fig. 262.^a) é semelhante a outro que achei na lapa de S. Luis, e que já foi representado na fig. 160.^a

d) Martellos. São seixos com a fórma de uma camada espherica, tendo as bases umas vezes formadas por planos circulares outras vezes deprimidas para, como julgava Filipe Simões¹, fincar os dedos nas cavidades, e assim poder qualquer d'estes seixos ser apertado na chave da mão com mais força na occasião em que, servindo de martello, se percutia com a zona espherica que limita lateralmente o instrumento.

Julgo que estes martellos foram destinados a britar, á maneira de galga, algum fruto sobre uma mó dormente.

Tres d'elles estão representados nas figs. 222.^a a 224.^a Um d'estes (fig. 224.^a) tem na zona lateral duas cavidades muito irregulares, devidas ao choque sobre os objectos percutidos.

d) Trituradores. São tambem seixos em geral achatados e ellipsoidaes, que apresentam uma face planificada e polida pelo uso que tinham de moer qualquer substancia pela fricção.

Nestes instrumentos vêem-se muitas vezes, na superficie opposta á que está polida pelo uso, algumas covas. A frequencia d'estas covas em muitos trituradores, e o facto de se encontrarem tambem em instrumentos semelhantes achados nas grutas de Cascaes, fazem-me suppor que estas covas eram aproveitadas para qualquer destino que não posso determinar.

É provavel que estes trituradores, á maneira de pilões, servissem para moer sobre uma especie de gral ou mó dormente o trigo ou qualquer outro fruto, depois de primeiramente ser percutido e britado com um martello em fórma de galga do typo anteriormente descrito.

Assim, seria triturado e reduzido a farinha em rama o trigo antes da invenção dos moinhos de grandes nós, que sendo picadas, como

¹ Vid. *Introdução á Archeologia da peninsula iberica*, p. 46.

o que encontrei na gruta sepulcral da Rotura, destroçavam mais o farello e tornavam a farinação mais completa nas partes exteriores do fruto.

e) Seixos rolados. Estes seixos são em geral de quartzo, de fórma ellipsoidal, e com a superficie naturalmente bem polida. Em geral não excedem 0^m,1 de comprimento, e apresentam-se avermelhados pela acção do fogo.

Julgo que eram destinados a cozer uma especie de pão azymo, para o que se lançava sobre estas pedras, elevadas a alta temperatura, a massa formada com agua e farinha obtida pelo processo anteriormente indicado. O calor da pedra cozia o pão que por este processo, semelhante áquelle que ainda se usa na confecção das folhas para obreias, ficava com a forma de bolo folhado ¹.

C) PRODUCTOS CERAMICOS:

Encontrei a pequena profundidade e mesmo á superficie da terra muitos restos ceramicos, fabricados uns sem o auxilio da roda de oleiro outros com este auxilio.

O barro empregado na factura dos vasos ou era bastante arenoso, ou não tinha a areia sufficiente para evitar pelo travamento a formação de gretaduras, quando as diversas partes de qualquer vaso dessecavam desigualmente.

Neste caso misturava-se ao barro uma quantidade de areia tal, que, sem prejudicar a plasticidade da massa, lhes dava a necessaria cohesão.

Esta areia, em geral, não era passada pelo crivo, e d'ahi provém o verem-se no interior dos fragmentos de louça pequenas pedras de quartzo.

Alguns cacos são luxuosamente ornamentados com *chevrons*² incisos, como os representados nas figs. 229.^a a 245.^a e 247.^a a 257.^a

A maior parte dos restos figulinos que achei em Chibannes são tão reduzidos, que me foi impossivel com elles determinar a fórma da louça a que pertenciam.

Encontrei porém alguns (figs. 232.^a a 241.^a e 249.^a a 253.^a) com que pude completar o contorno e mesmo a ornamentação de alguns vasos primitivos.

¹ Cf. *Le préhistorique*, por G. Mortillet, p. 582.

² *Chevron* é o termo francês adoptado por C. Ribeiro para designar os desenhos prehistoricos formados com angulos de lados parallelos. (Vid. *Estudos prehistoricos de Portugal*, II, 51).

Confrontando estes vasos com outros, inteiros ou reconstituídos com fragmentos, encontrados na Rotura (figs. 225.^a a 228.^a), nota-se tanto no seu contorno como na ornamentação muita semelhança.

Todos os restos ceramicos achados em Chibannes podem ser classificados em diversos grupos, de que tratarei nas alíneas seguintes:

a) Fragmentos de potes. Com alguns pedaços de louça (figs. 232.^a a 241.^a) pude reconstituir a especie de vasos representada na fig. 246.^a-A.

A fôrma da parte superior d'estes potes é notavel por apresentar no collo uma reintrancia ou depressão, em cujo fundo se abre a boca. Proximo do bordo vêem-se orificios, certamente destinados á passagem de cordas que serviam de aselhas.

Estes vasos eram muito ornamentados com *chevrons*, havendo principal cuidado na decoração em volta da boca, que ficava nalguns com o aspecto de roseta, como se vê no pote representado na fig. 246.^a-A.

Para dar mais estabilidade a estes potes eram envolvidos até uma altura inferior ao bojo em barro amassado, que lhes servia de suporte e tomava a fôrma de aneis. É o que tenho inferido da observação de fragmentos de aneis de barro, que achei na Rotura e em Chibannes. Num pedaço de anel ainda se vê distinctamente não só a superficie da cavidade conica formada pelo pote que nella descansava, mas tambem as impressões da ornamentação da superficie do vaso feitas no momento em que o barro do anel ainda molle recebia o pote, que nelle ficava assente. Nestas impressões nota-se que as reintrancias dos traços feitos na superficie dos vasos correspondem ás saliencias deixadas no barro do anel, que lhes servia de suporte.

Nas explorações que se tem feito nas antigas habitações lacustres da Suissa tambem se tem encontrado objectos analogos¹.

b) Fragmentos de malga. Encontrei restos figulinos (fig. 247.^a a 257.^a), que são evidentemente de uma especie de grandes tigelas ou malgas com a fôrma de calote espherica, como a que está representada na fig. 263.^a, que foi reconstituída com um fragmento (fig. 249.^a).

Esta especie de productos ceramicos é identica á que foi descoberta nas grutas sepulcraes da Quinta do Anjo por C. Ribeiro, e que se acham hoje no Museu do Serviço Geologico de Portugal.

Muitas malgas eram cobertas em toda a superficie por uma camada, aproximadamente 0^m,001 de espessura, de pasta ennegrecida, e por vezes tão bem lustrada que tinha o aspecto de esmalte.

¹ Vid. *L'homme préhistorique*, por Sir John Lubbock, 1, 187.

O brunido provavelmente era feito, como nos productos ceramicos achados na Rotura e como ainda hoje se faz nas olarias de louça preta, pelo attrito de um seixo rolado sobre o barro cru. Este brunido, dado sobre a camada de pasta que cobria alguns vasos, era por vezes tão perfeito que, se não fosse a grossaria do barro interior e os desenhos com a fórma de *chevrons*, tão frequentes nas producções de proveniencia prehistorica, poderíamos, á primeira vista, tomar esta especie de louça como a de fabricação saguntina (*terra sigillata*).

A zona da superficie exterior d'esta fórma de louça desde a boca até meia altura era muito bem ornamentada com *chevrons* como se vê na fig. 263.^a Desde meia altura até o fundo d'estes vasos, umas vezes não havia ornamentação alguma, outras vezes era esta extensiva a toda a superficie exterior, consistindo a decoração, a partir de meia altura para baixo, em feixes de linhas paralelas, que, convergindo para o fundo, formavam um desenho com o aspecto de estrella.

A estreita coroa circular, que horizontalmente constituia o plano superior do bordo, era tambem em muitos d'estes vasos delicadamente ornamentada. Para melhor receber os desenhos, esta zona alargava-se quanto possivel, fazendo-se para isso mais espesso o bordo do lado interior das malgas, como se vê, na que foi restaurada (fig. 263.^a), pelos fragmentos representados na fig. 249.^a

Sem se poder comparar com a ornamentação do estylo arabe, caracterizada pela extrema complexidade de engenhosas combinações geometricas, a decoração dos vasos prehistoricos cujos restos foram encontrados em Chibannes era tambem exclusivamente geometrica e, se nesta decoração as combinações de linhas rectas eram simples e quasi sempre subordinadas ao mesmo motivo, o *chevron*, ainda assim apresentavam uma grande variedade de desenhos.

As incisões rectilineas, com que se faziam as decorações figulinas, eram executadas com um instrumento cortante de pedra ou de metal sobre o barro ainda molle.

Como se deprehende das series de covas impressas, que se vêem no fundo das incisões, eram estas algumas vezes pontuadas com um punção.

A côr negra, que tem os fragmentos dos vasos prehistoricos, a maior parte das vezes só affecta as partes exteriores do barro, apresentando-se este vermelho no interior.

Este facto prova que toda a pasta foi completamente cozida; pois que se assim não fosse, a parte interna, que é sempre a ultima a experimentar o effeito da cocção, ficaria escura e não vermelha, côr que toma o barro quando é bem cozido.

Se pois a louça preta era bem cozida, não se póde attribuir a sua côr á cocção imperfeita.

Creio que a negrura dos productos ceramicos prehistoricos é devida ao negro do fumo, que no acto da cozedura se incrustava no barro, quando o dito negro se não queimava completamente em fornos com pouca tiragem ou em que esta propositadamente se suspendia, na occasião em que os vasos estavam quasi cozidos.

Ainda hoje se fabrica, numa olaria nas proximidades de Palmella, louça com a côr, os desenhos e o lustro semelhantes aos que tem os vasos prehistoricos. O processo empregado consiste em brunir com um seixo rolado, parecido com os que tenho encontrado muito gastos pelo serviço nas estações neolithicas, a superficie dos vasos, sobre a qual se fazem depois os desenhos incisos com rodetes metallicos. A côr negra obtem-se no forno quando a louça está quasi cozida. Para isso, quando os vasos ainda estão ruborizados pelo calor, lança-se na fornalha bagaço de azeitonas ou qualquer substancia que produza muito fumo, e em seguida abafa-se a louça, isto é, suspende-se a tiragem, obturando a chaminé e todos os respiradouros do forno. Então o negro do fumo, desenvolvido pela combustão do bagaço, é absorvido pelo barro incandescente até uma certa profundidade. Não restabelecendo a tiragem e deixando a louça no forno até arrefecer, o negro do fumo incrustado não se queima. D'este modo a superficie dos vasos fica preta e, quando polida, adquire brilho metallico como se fosse plumbaginada.

Se tomarmos pedaços de louça negra, tanto prehistoricos como actuaes, e os mandarmos recozer num forno em que nunca se suspende a tiragem, a côr preta perde-se inteiramente, o que julgo devido á combustão completa do carbonio incrustado no barro pela fumigação.

Se depois d'isto mandarmos recozer novamente os mesmos pedaços pelo processo actualmente empregado na factura da louça preta, estes readquirem a côr negra que tinham perdido.

Estas experiencias parecem provar que o modo actual de fazer a louça preta é pelo menos muito semelhante ao empregado nos primitivos tempos.

A côr negra da louça do typo saguntino (*terra sigillata*), da qual tambem se encontram muitos fragmentos no alto de Chibannes, é que era obtida por um processo muito differente do usado na ceramica prehistorica.

Com effeito, nos productos figulinos d'aquelle typo, a côr, umas vezes preta outras vermelha, não interessava senão a tenuissima camada de substancia muito polida, que revestia os vasos e é absoluta-

mente inalteravel, mesmo quando taes productos se submettem ao recozimento em fornos de perfeita tiragem; ao passo que nos vasos prehistoricos o barro apresenta a côr negra, desde a superficie até uma certa profundidade, e perde-se, como já ficou dito, pelo recozimento em fornos de boa tiragem.

Algumas malgas tinham orificios no fundo, talvez destinados a separar a agua do leite, que se deitava na malga ¹.

Julgo que todos estes vasos eram destinados a servir para a comida no acto da refeição, á maneira das malgas e dos pratos actuaes.

c) Panellas. A fórma de alguns fragmentos de louça achados em Chibannes leva-me a crer que taes objectos pertenciam a vasos semelhantes a outros cujos restos encontrei na estação da Rotura, e que me parece terem servido para o mesmo fim que as panellas e caldeiras actuaes.

Muitos d'estes vasos eram bem ornamentados (como o 5.^o da fig. 225.^a) e tinham junto da boca orificios, certamente destinados a passagem de fios para suspensão ou para aselhas.

d) Tijolos para suspensão. Tambem encontrei no alto de Chibannes e encostas adjacentes muitos fragmentos de tijolos rectangulares (fig. 258.^a a 261.^a), com um furo em cada um dos cantos para a passagem dos fios de suspensão.

Um d'estes objectos, que, segundo os irmãos Sirets, serviam para pesos de teares, tem numa das faces um desenho triangular (fig. 259.^a), differente de outro que encontrei em um objecto semelhante (fig. 147.^a) achado no castro da Rotura.

(Continúa).

A. J. MARQUES DA COSTA.

Memoria sobre o concelho de Sabugal²

Origens

As terras de Riba-Côa

Comprehendiam as terras de Riba-Côa uma orla de terra, que media aproximadamente quinze leguas de comprimento e quatro de largura, limitada ao norte pelo Douro, ao sul e occidente pelo rio Côa (de

¹ Cf. *L'homme prehistorique*, por Sir John Lubbock, vol. 1, p. 187.

² Parte d'este artigo foi publicado na *Estrella do Côa*; tendo, por falta de revisão algumas incorrecções, modificamo-lo agora.



Fig. 192.ª (1/4)



Fig. 193.ª (1/4)



Fig. 194.ª (1/4)



Fig. 195.ª (1/4)



Fig. 196.ª (1/4)



Fig. 197.ª (1/4)



Fig. 198.ª (1/4)



Fig. 199.ª (1/4)



Fig. 200.ª (1/4)



Fig. 201.ª (1/4)



Fig. 202.ª (1/4)



Fig. 203.ª (1/4)



Fig. 204.ª (1/4)



Fig. 205.ª (1/4)



Fig. 206.ª (1/4)



Fig. 207.ª (1/4)



Fig. 208.ª (1/4)



Fig. 209.ª (1/4)



Fig. 210.ª (1/4)



Fig. 211.ª (1/4)



Fig. 212.ª (1/4)



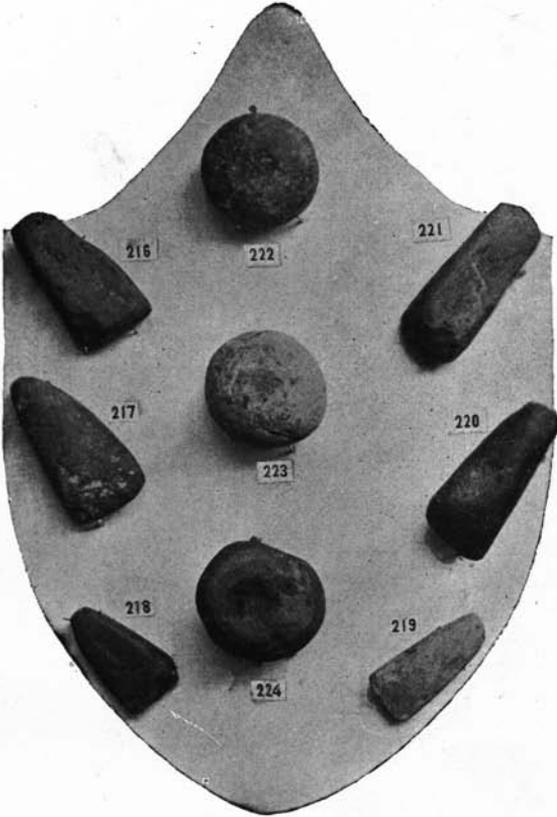
Fig. 213.ª (1/4)



Fig. 214.ª (1/4)



Fig. 215.ª (1/4)



Escala 1/4

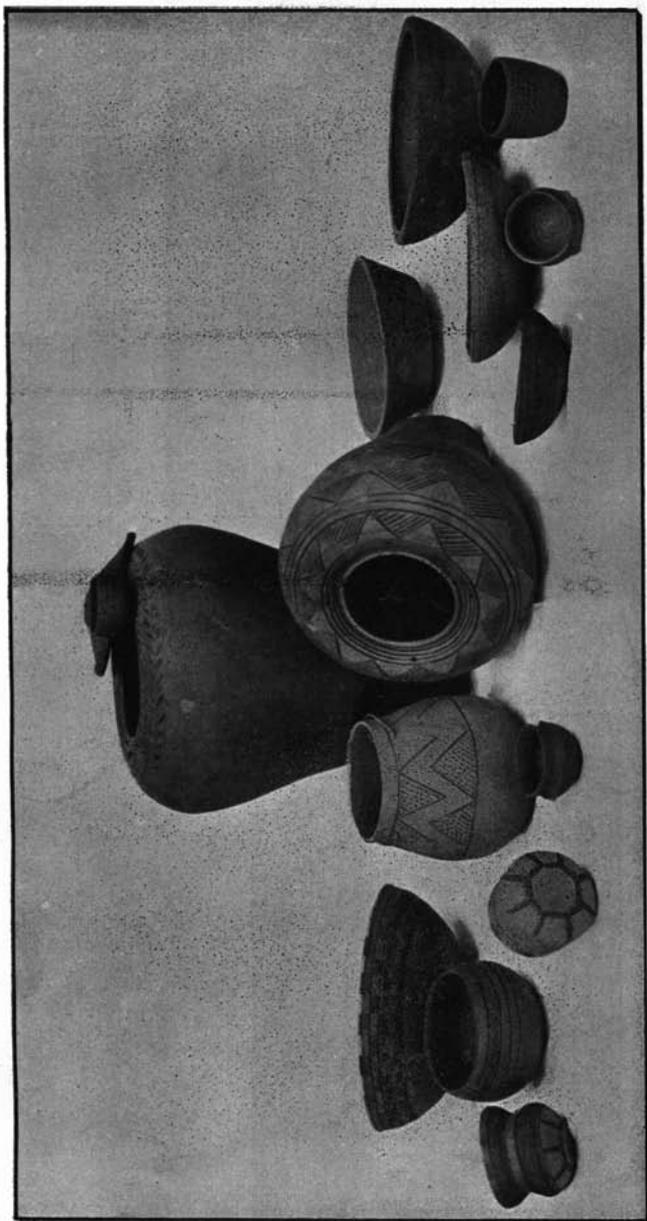


Fig. 225.^a (1/10)

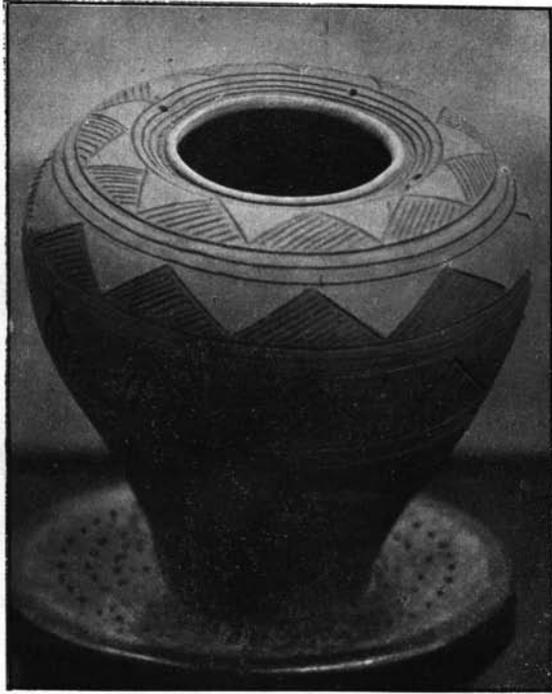
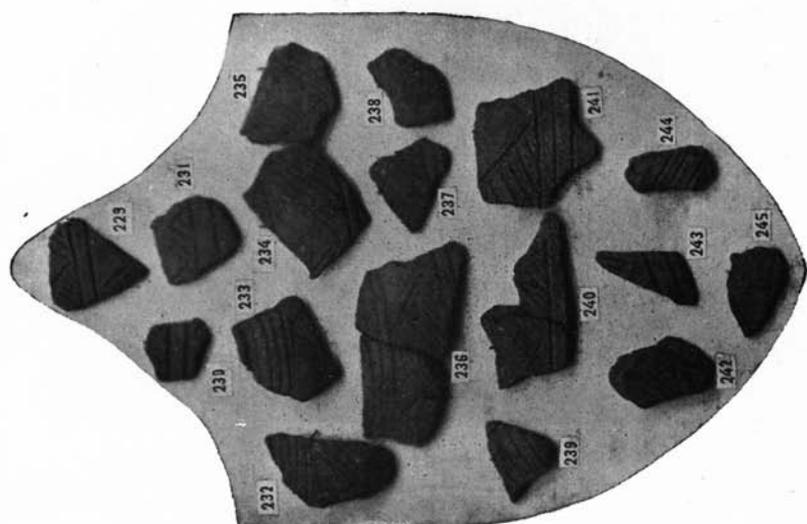


Fig. 226.^a (1/4)



Fig. 227.^a (1/10)



Escala (1/4)

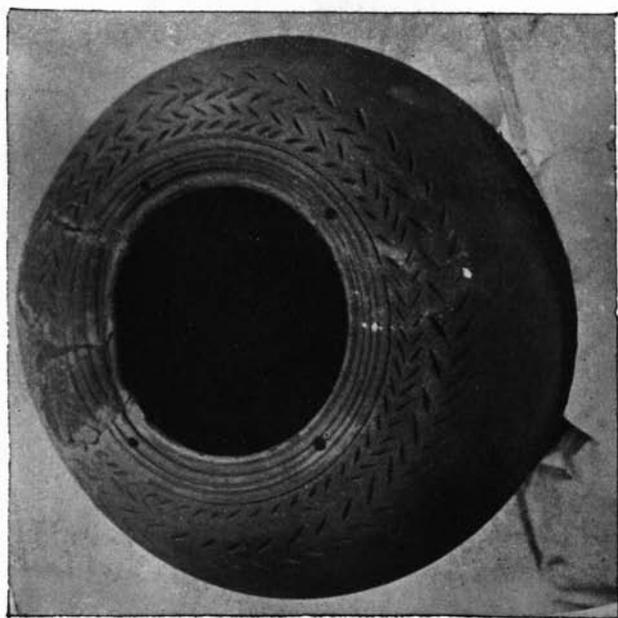
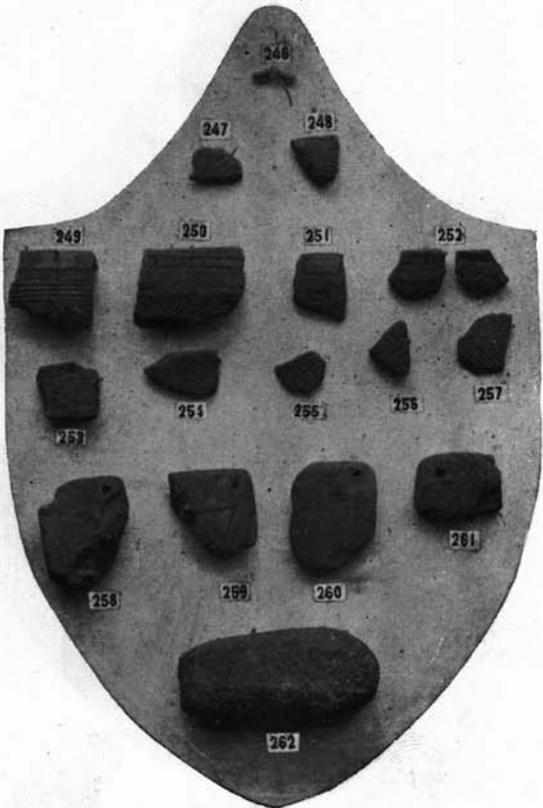


Fig. 298.^a (1/4)



Fig. 246.^a-A (1/10)



Escala (1/4)

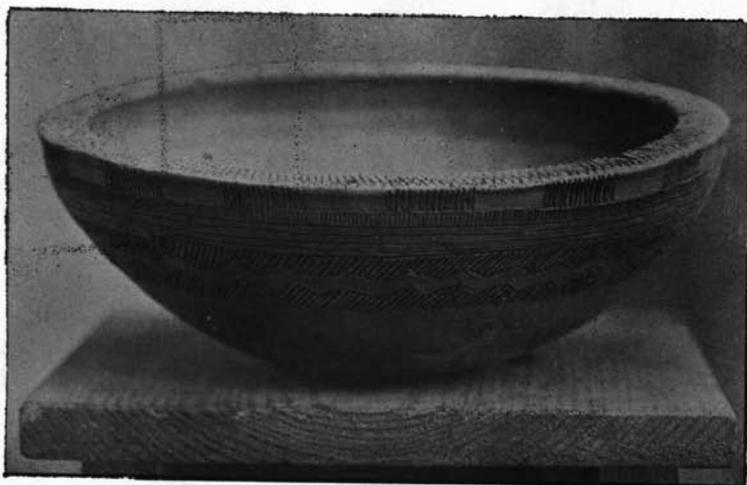
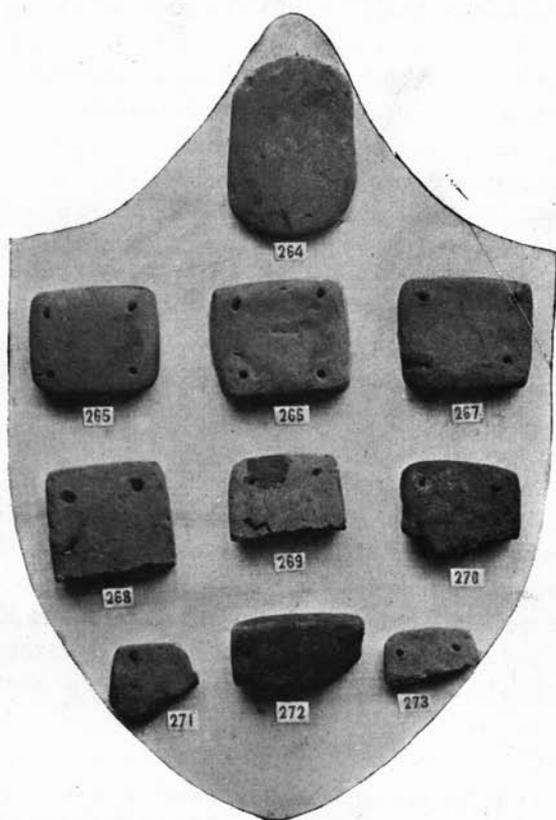


Fig 263.^a (1/3)



Escala (1/4)